
A Infantilização da Mulher na Pornografia Audiovisual na Internet¹

Mariel de Mattos PINHO²
Letícia Xavier de Lemos CAPANEMA³
Universidade de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Através de pesquisas bibliográficas e análise filmica, este estudo questiona como comportamentos sociais se refletem em vídeos pornográficos com títulos, roteiros, figurinos, cenários e/ou elencos que aludem à infância, investigando a infantilização da mulher na pornografia audiovisual para internet como sintoma e reflexo sócio-histórico-cultural do patriarcalismo. Para discutir o tema, busca-se apoio em teorias feministas que nos permitam refletir sobre as relações entre patriarcado, capitalismo, erotização infantil e infantilização da mulher. Por fim, realiza-se uma análise filmica de um vídeo inserido na tag #Teen no portal de pornografia *xvideos*.

PALAVRAS-CHAVE: Pornografia audiovisual; Infantilização da mulher; *xvideos*; Patriarcado

O tema da pornografia é frequentemente tratado como tabu, gerando complexos debates. Presente desde os primórdios da cultura, as representações sexuais com o fim de provocar o prazer do observador percorrem a história das formas expressivas, encontrando no vídeo de circulação na internet seu formato e ambiente de maior propagação. Embora seja um conteúdo audiovisual grandemente consumido na contemporaneidade, trata-se de um objeto ainda pouco investigado pelos estudos audiovisuais, visto que é um assunto delicado e ainda cercado de constrangimentos. Assim, este estudo enfrenta o desafio de investigar o tema ao questionar as possíveis relações entre a infantilização da mulher na pornografia e o patriarcalismo enraizado na sociedade, buscando discutir sobre as problemáticas que permeiam os vídeos de mulheres infantilizadas.

Para isso, realizamos um breve resgate das discussões sobre a pornografia e sua relação com o patriarcado, com o apoio de autoras feministas como Andrea Dworkin (1981) e Judith Butler (1997), abordando desde os estudos da Guerra do Sexo até as diferenciações entre erotismo e pornografia. Em seguida, com o apoio de Patchen Barrs (2011) e Tim Harford (2019), apresentamos um breve estudo sobre a relação da pornografia com a internet e analisamos o uso da palavra *Teen*⁴

¹ Trabalho apresentado no IJ04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Radialismo da UFMT. E-mail: marielmattosp@gmail.com

³ Professora do curso de graduação em Radialismo do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. Email: capanema.leticia@gmail.com

⁴ As tags #Teen são etiquetas de marcação para mostrar que o vídeo pertence ao gênero Pornô Adolescente

no site *xvideos.com*, buscando compreender seus mecanismos de segurança e termos de serviço. Por fim, amparadas pelo método da análise fílmica, discutimos aspectos estéticos, narrativos e temáticos de vídeos pornôns que aludem à infância e usam a infantilização das atrizes como principal atrativo.

Debates em torno da pornografia e do erotismo

Durante as décadas de 1970 e 1980, nos Estados Unidos, ocorreu o que ficou conhecido como a Guerra do Sexo, que consistiu em grandes debates feministas sobre a sexualidade, o erótico, a lesbianidade, a pornografia etc. Esse período foi importante para chamar atenção da sociedade sobre temas pouco discutidos, mas que envolviam a violência patriarcal, de certa forma, velada. Segundo Andrew McBride (2008), nesse momento, a pornografia se tornou o assunto mais comentado entre os coletivos feministas, pois as opiniões eram divergentes e cindiam o movimento feminista em grupos anti-pornografia e os chamados pró-sexo. A discordância não era somente sobre a pornografia, mas sobre a sexualidade em si. Enquanto os grupos anti-pornografia falavam sobre representações de poder, perigo de unir violência e sexo, dominação e submissão no sexo e pornografia, os grupos pró-sexo defendiam que a libertação sexual das mulheres era primordial para a libertação de todas as pessoas (MCBRIDE, 2008).

Movimentos anti-pornografia acreditavam que a pornografia não era violenta somente durante as gravações dos filmes ou nos ensaios fotográficos, mas que sua origem está enraizada em narrativas de estupro e prostituição, permitindo que homens e mulheres naturalizem as práticas misóginas, sendo prejudicial a toda sociedade. Sobre isso, a feminista e pesquisadora Andrea Dworkin argumenta:

Feministas são frequentemente questionadas se pornografia causa estupro. O fato é que estupro e prostituição originaram e continuam a originar a pornografia. Politicamente, culturalmente, socialmente, sexualmente, e economicamente, estupro e prostituição geram pornografia; e a pornografia depende do estupro e da prostituição de mulheres para sua existência contínua. (DWORKIN, 1981, s/p.)

Recentemente, a emergência da chamada pornografia feminista trouxe outras camadas à discussão. Contudo, pesquisadoras anti-pornografia, como Gail Dines (2010), não acreditam que a pornografia feminista possa existir. Segundo Dines, ainda que se declare feminista, a pornografia continua explorando as mulheres e sendo uma forma de escravidão sexual. A pesquisadora não crê na possibilidade de regulação da pornografia. Para ela, trata-se de uma prática que deve acabar e, para isso, seria preciso minar a indústria, proibindo o lucro proveniente dessa atividade.

Em contraponto, a teórica feminista Judith Butler acredita que “a autoridade da pornografia é menos divina e seu poder menos eficaz” (1997, pg. 69). Ela aposta na subversão e no contradiscurso para combater o patriarcado e os discursos de ódio, argumentando que a censura e a aplicação de leis mais rígidas para proibição da pornografia não seriam eficazes para erradicar a violência misógina. Além disso, ela alerta que o investimento na censura, mesmo no caso da pornografia, é perigoso para os grupos minoritários, pois pressupõe um Estado moralista de poderes amplos.

Apesar do impacto que a Guerra do Sexo causou, as questões discutidas ainda permanecem sem solução. No que se diz respeito à pornografia, o tema ganhou novas proporções com a chegada da internet e sua rápida disseminação. De fato, os debates feministas sobre a pornografia deixaram um importante legado para o meio acadêmico. No entanto, observa-se que o consumo de pornografia só cresce e as discussões sobre ela ainda não ultrapassaram os muros das universidades e pouco alcançaram a sociedade como um todo.

Erotismo infantil e a infantilização da mulher na pornografia

A erotização de corpos infantis é um tema bastante discutido, principalmente após a internet oportunizar tantos compartilhamentos de fotos e vídeos. Muitos pais e mães passaram a se preocupar com o conteúdo que os filhos recebem, para que não se inspirem nos atos e personalidade de artistas adultos, ou até mesmo para que não tenham acesso a conteúdos pornográficos.

Neste trabalho, o termo erotização infantil refere-se à prática social de tornar crianças cada vez mais sexualizadas através de roupas, poses, andar, cenários e modo de agir, principalmente em relação a crianças do sexo feminino. Comportamentos esses que se refletem na mídia, nas redes sociais e também no cotidiano infantil. A pesquisadora Jane Felipe chama esse processo de “pedofilização”:

Tenho chamado de “pedofilização” o processo pelo qual a sociedade, em especial, a brasileira, posiciona os corpos infantis femininos como corpos erotizados, desejáveis, para o deleite masculino. Tal fenômeno pode ser percebido nos mais variados artefatos culturais, como na publicidade, na moda, nas músicas, na literatura, nos filmes. (FELIPE, 2015, p. 7)

Na sociedade atual é comum se deparar com imagens de artistas menores de idade utilizando roupas consideradas de adultos, cantando músicas sobre sexo e relacionamentos, em fotografias exibindo seus corpos de forma erótica e entre tantos outros exemplos.

Em seu livro "Pornland: Como a pornografia sequestrou a nossa sexualidade", Gail Dines (2010) explica a erotização infantil como uma consequência da indústria da moda e de sua forma de fazer publicidade. Segundo ela, devido à naturalização da erotização feminina, o público se tornou menos sensível às imagens de mulheres sexualizadas. Então, as estratégias de apelo ao consumidor passaram a sexualizar garotas. Por essa lógica, entende-se que o mercado precisa da sexualização de mulheres e meninas para vender.

Muitas problemáticas são levantadas no debate sobre a erotização de crianças. Primeiramente, discute-se a preservação da integridade infantil, considerando que a erotização não faz parte dessa fase da vida, mantendo crianças longe de possíveis olhares abusadores. Também se considera nociva a erotização infantil na mídia para todos que consomem, pois a exposição dessa representação pode normalizar o desejo pelo corpo cada vez mais infantil. Além disso, a erotização infantil pode tornar crianças e adolescentes mais vulneráveis a possíveis abusos sexuais. Felipe e Prestes (2015) tentam, através do debate, entender os limites dessa sexualização, sem a intenção de criar um pânico moral:

Talvez seja produtivo nos perguntarmos quais os mecanismos que têm propiciado o borramento de fronteiras entre idade adulta, juventude e infância. Será que as marcas, antes tão bem delimitadas entre essas faixas etárias, e consequentemente as práticas – inclusive as sexuais – permitidas para cada uma delas, estão sendo cada vez mais exploradas e permitidas? Quais são, afinal, as fronteiras? Quais são os limites do exercício da sexualidade quando as crianças estão, de algum modo, envolvidas? (FELIPE & PRESTES, 2015, p.13)

Sabemos que há um entendimento moral do que é a infância, mas não deixamos de destacar a importância desse debate para entender se há um comprometimento do patriarcalismo e do mercado em acelerar o processo sexual de crianças em nome do lucro, mesmo que esse processo possa estimular o desejo pela infância. Por outro lado, podemos enxergar a infantilização da mulher como algo além da sexualidade, mas que encontra seu ápice nos vídeos pornográficos em que atrizes interpretam crianças em atos sexuais. Sendo assim, podemos entender que a erotização infantil e a infantilização da mulher são formas de violência que o capitalismo mantém, pois geram lucro, e que o patriarcalismo ajuda a perpetuar na cultura e em práticas sociais.

É possível compreender essa infantilização como um dos artifícios do patriarcado, que tenta fazer com que as mulheres sigam leigas de suas próprias vidas, deixando de ter vontades, sonhos e realizações em nome dos desejos da família, favorecendo a realização e as ambições de figuras masculinas. Através desse artifício, o patriarcado projeta mulheres que nem sequer desejam o protagonismo de suas vidas. Sobre isso, Simone de Beauvoir argumenta:

A feminilidade é uma espécie de "infância contínua" que afasta a mulher do "tipo ideal da raça". Essa infantilidade biológica traduz-se por uma fraqueza intelectual; o papel desse ser puramente afetivo é o de esposa e dona de casa; ela não poderia entrar em concorrência com o homem: "nem a direção nem a educação lhe convém". (BEAUVOIR, 1949, p. 144)

Ao analisar sociedades patriarcais, Simone de Beauvoir assemelha a feminilidade à infância, visto que o patriarcado busca deixar as mulheres indefesas através da falta de conhecimento e autonomia, assim como as crianças. Fazendo com que elas se sintam dependentes de uma figura masculina para se sentirem seguras.

Formas e sentidos da infantilização da mulher na pornografia

Na pornografia, podemos encontrar a infantilização da mulher na forma da idealização de uma beleza juvenil, com atrizes jovens, com diversas plásticas, magras e totalmente depiladas. Mas também encontramos a infantilização na construção de narrativas que procuram agradar a um nicho de espectadores que gostam de atrizes com atitudes e características físicas infantis, além de figurinos, cenários e histórias que aludem ao universo infanto-juvenil. Filmes configurados dessa maneira guardam semelhanças com as histórias de abuso infantil, como por exemplo, naqueles que encenam o incesto e a pedofilia. Ao observar a tag "*teen*" nos sites pornô, podemos notar que grande parte dos vídeos tem títulos incestuosos. As atrizes que interpretam crianças/adolescentes sempre contracenam com homens muito mais velhos que, não raro, assumem papéis associados à figura paternal. No Brasil, grande parte dos relatos de abuso sexual infantil acontecem nas casas das crianças, envolvendo parentes ou responsáveis, de modo similar às representações de vídeos pornográficos.

É importante observar que, se o sexo é consentido e realizado por maiores de idade, os vídeos com mulheres infantilizadas e com histórias que aludem ao abuso sexual infantil são considerados legais. De modo geral, a indústria pornográfica explora fetiches sexuais, principalmente aqueles vinculados ao público masculino, sendo a pedofilia um dos fetiches mais recorrentes. Então, para conseguir mais espectadores, a indústria investe nesse tipo de conteúdo. Sobre isso, Gail Dines (2010) explica:

À medida que a cultura pop começa a parecer cada vez mais pornográfica, a verdadeira indústria pornográfica teve que tornar seus conteúdos mais hard-core, como forma de distinguir seus produtos daquelas imagens encontradas na MTV, Cosmopolitan e em outdoors. O problema para os pornógrafos é que eles estão rapidamente ficando sem novas maneiras de manter os usuários interessados. (DINES, 2010, p. 178)

Em seu livro, Dines explica que, movidos por propósitos capitalistas, os produtores pornográficos encontraram meios inovadores de expandir o mercado e conquistar mais espectadores. A autora também comenta que o número de procura por esse tipo de pornografia é muito grande, e que “digitar *teen porn* no Google rende mais de 9 milhões de acesso e dá milhares de opções de sites pornô” (DINES, 2010 p. 179).

A pornografia audiovisual na internet

A internet é um marco importante para a ascensão da pornografia, principalmente porque democratizou o acesso a fotos, vídeos e áudios, fazendo com que a indústria pornográfica se tornasse muito maior e muito mais concorrida. Tim Harford (2019) explica que a pornografia teve importante papel no desenvolvimento de novos sites, redes sociais e até mesmo na rapidez dos *modems*. Em seu livro "*The Erotic Engine*", Patchen Barss comenta sobre a pornografia ser estudada como um vício e como esse fato também influencia na economia e no avanço tecnológico. Para essa pesquisa, ele entrevista o pesquisador Harley Hahn que afirma:

Quando se está vendendo com sucesso um produto viciante, você sempre se descobrirá um pioneiro em certas áreas do mercado. Não é que isso te permita a liberdade, mas empurra você de modo mais rápido para o mercado do que outros produtos. (BARSS, 2011, p.88, *tradução nossa*)

Em sua fala, Hahn reflete sobre a pornografia ter conquistado um espaço no mercado com mais rapidez do que outros produtos, justamente por ser viciosa. Esse poder é tão grandioso que podemos observar a pornografia durante séculos, sempre se renovando tecnologicamente e permanecendo em todas as mídias existentes com um grande número de vendas e/ou acessos.

De fato, o formato audiovisual de distribuição e circulação na internet reconfigurou de modo fundamental o atual mercado pornográfico, trazendo outras questões à problemática como o monitoramento desse conteúdo, no sentido de identificar e coibir a circulação da pedofilia e da violência sexual. Sendo assim, neste estudo, utilizamos da importância da internet no contexto pornográfico e escolhemos o site *xideos.com* para investigar vídeos sob a etiqueta *#Teen*.

Xideos e a infantilização da mulher na pornografia audiovisual de internet

De acordo com os dados do site de tráfego digital, *Similar Web*⁵, *xvideos* é o site pornográfico mais acessado do mundo durante o ano de 2021, ficando em 7º lugar no *ranking* de sites mais acessados da internet. O maior número de acessos pertence aos Estados Unidos, em segundo lugar, ao Japão e, em terceiro lugar, ao Brasil.

Visualizando a interface do site, percebe-se que é confuso, mesmo com a divisão das categorias. Essa parece não ser uma ferramenta efetiva já que os vídeos são “etiquetados” pelo usuário que os publica. A visibilidade da etiqueta é definida pela procura dos usuários, e as etiquetas e sugestões mudam em cada país. Dessa maneira, a plataforma prioriza a exibição, na primeira página, dos vídeos mais procurados e visualizados.

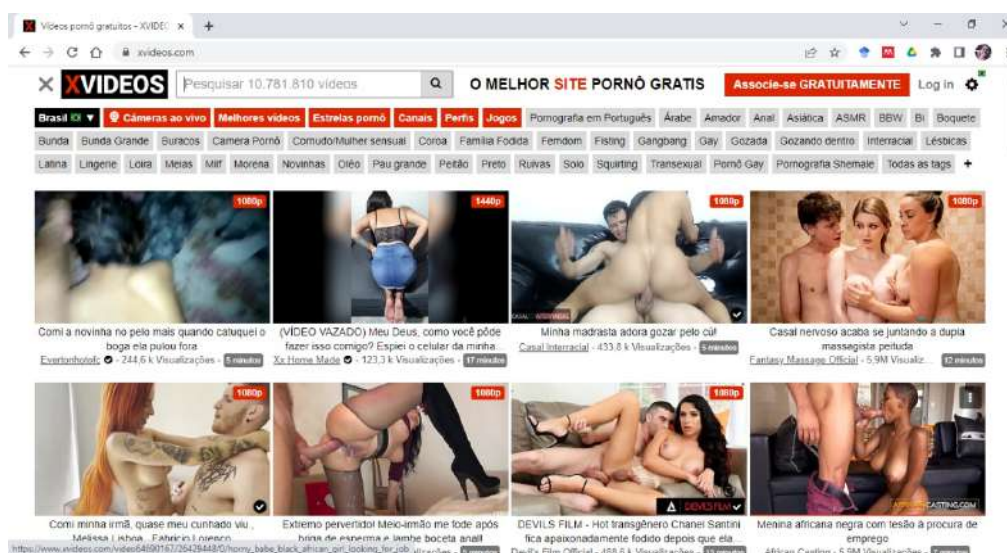


Figura 1. Imagem da interface inicial do site *xvideos.com*.

Fonte: *xvideos.com*

O foco dessa pesquisa são os vídeos etiquetados por palavras que se referem a adolescentes e crianças, como: "*teen*", "*petite*", "*novinha*", "*18 anos*", "*school*", "*colegial*", "*small*", "*adolescente*", "*ninfeta*", "*anal teen*" etc. Essas etiquetas contêm vídeos de atrizes de 18 a 20 anos, mas produzidas, em termos de figurino, cenografia e histórias temáticas, como se fossem adolescentes e crianças. Um exemplo é a fantasia sexual “colegial”, bem conhecida e normalizada no imaginário brasileiro e mundial. Podemos dizer que esse conteúdo é demasiadamente procurado pelo número de visualizações dos vídeos, quantidade de etiquetas para a mesma característica e quantidade de vídeos postados. Somente a etiqueta "*anal teen*", por exemplo, já soma 530.314 vídeos. Porém, nem todos os vídeos classificados com essas etiquetas praticam a infantilização das atrizes. Muitas vezes o vídeo é etiquetado dessa forma devido à maior visibilidade dessas *tags*.

⁵ Site de monitoração de tráfego digital: <https://www.similarweb.com/pt/>

No Brasil, a lei nº 11.829 do Estatuto da Criança e do Adolescente configura em crime a “aquisição, produção, venda e distribuição da pornografia infantil e condutas relacionadas à pedofilia na internet”. O Artigo 241 – C torna crime a simulação de crianças e adolescentes em cenas de sexo explícito e pornográficas por meio de montagem, adulteração ou modificação de fotografias, vídeos ou qualquer representação visual, sob pena de 01 a 03 anos de reclusão. A definição de pornografia infantil a partir das leis brasileiras está também no Estatuto da Criança e do Adolescente:

Pornografia infantil significa qualquer representação, por qualquer meio, de uma criança envolvida em atividades sexuais explícitas reais ou simuladas, ou qualquer representação dos órgãos sexuais de uma criança para fins primordialmente sexuais.

Cada país possui leis que regulam questões relacionadas a infância e pornografia e o *xvideos* se compromete em enviar as informações dos vídeos de pornografia infantil ao órgão responsável por fiscalizar e punir esse crime no país. No entanto, os Termos de Serviço do site *xvideos.com* não estão traduzidos para a língua portuguesa, dificultando o usuário de saber normas de cadastro e submissão de vídeos no site.

Os Termos de Serviço estão divididos em 11 itens, sendo um deles intitulado “3. *Child sexual abuse or non-consensual sexual acts*”. Essa parte dos Termos tem como primeira frase uma justificativa sobre o uso da palavra “*teen*” e similares dentro do site, criando um novo significado para ela. Segundo eles, a palavra é usada para descrever atrizes de 18 a 20 anos. Já no Brasil, o Estatuto da Criança e Adolescente, considera adolescentes pessoas de 12 a 18 anos. No Termo, alega-se o compromisso do site em proteger as crianças de qualquer forma de abuso e finaliza com instruções sobre como denunciar um vídeo que contenha possível pornografia infantil.

A palavra *teen* e similares são normalizadas dentro do site, com a justificativa de que seu significado é “jovens adultos”, mas alguns vídeos encontrados nessa etiqueta envolvem a infantilização das personagens femininas e a encenação como se fossem crianças e adolescentes. Acreditamos que a normalização dessas palavras entra em contradição com o suposto cuidado que o site diz ter pelas crianças e adolescentes, e também com a norma do próprio site que proíbe encenação de menores nos vídeos postados.

As palavras *kids*, *children*, *crianças* e *baby* não são permitidas nas etiquetas e não se encontram nos títulos dos vídeos. Mas ao procurar por variações como “criancinhas”, pode-se encontrar alguns vídeos e um texto informando as pesquisas relacionadas à palavra procurada. O mecanismo de busca da internet tem um banco de dados que consegue sugerir temas parecidos com aqueles

procurados, mas que foram inseridos por outros usuários, é o que explica o pesquisador Patrick Scripilliti Bahia de Almeida (2007):

Os mecanismos de busca vasculham a Internet diariamente, e armazenam todas as informações encontradas num banco de dados de forma organizada. Quando o usuário faz uma busca na Internet, esse banco de dados é acessado e retorna com todas as informações relacionadas à palavra ou termo pesquisado. (ALMEIDA, 2007, p. 37)

As pesquisas relacionadas no *xvideos.com* são assustadoras, pois são um indício de procura por pornografia infantil dentro do site, alguns exemplos são: “crianças fodendo”, “6 anos”, “bem menininha”, “tirando a virgindade de meninas novinhas 12 anos” etc. Nota-se que as pesquisas relacionadas contêm muitas buscas com palavras de ortografia incorreta, o que aparenta ser uma estratégia para encontrar vídeos que não sejam detectados pelos mecanismos do site.

É possível enxergar esses vídeos como uma forma de suprir um desejo ilegal, mas dentro da legalidade, por meio da articulação de estratégias para etiquetar os vídeos e atrair uma audiência para narrativas audiovisuais que aludem ao universo infantil.

Análise do vídeo “*Tiny asian schoolgirl gets caught messing around - teen porn*”

Apresentamos a análise filmica de um vídeo do site de distribuição pornográfica *xvideos.com*, etiquetado com a palavra “*teen*”, e investigamos os elementos de cena separadamente, para entender como a integração deles infantiliza as personagens femininas e alude a infância e adolescência. Para tanto, nos apoiamos no método de análise filmica discutido por Francis Vayone e Anne Goliot-Lété (1994) e Jacques Aumont (1999), aqui interpretados por Manuela Penafria (2009):

Embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994). A decomposição recorre pois a conceitos relativos à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo,...) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, seqüências). O objectivo da Análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. (PENAFRIA, 2009, p.01)

A partir das etapas de decomposição/descrição e compreensão da relação entre elementos/interpretação, comentados por Penafria, desenvolvemos um roteiro para análise do vídeo selecionado, mantendo o foco nos elementos que evidenciam a infantilização da mulher. Primeiramente realizamos uma breve descrição do vídeo e de como ele foi publicado.

Posteriormente, partimos para uma análise estética que observa o elenco, a caracterização de personagens, cenografia, som, montagem e enquadramento e, finalmente, efetuamos uma análise narrativa do roteiro, dos diálogos e das ações.

Também nos apoiamos em Laura Mulvey (1983) para entender como o olhar masculino (*male gaze*), enraizado no patriarcalismo, atua nas configurações estéticas e narrativas desde as origens do cinema até a pornografia para a internet. De acordo com a autora, "o inconsciente da sociedade patriarcal estruturou a forma do cinema" (MULVEY, 1983, p. 355). O *male gaze* é um termo proposto por Mulvey para explicar como o patriarcalismo estrutura o cinema narrativo e, principalmente, a forma com que mulheres e homens são representados nos filmes. O patriarcado é um dispositivo universal que traz consigo muitas idealizações sobre o que é "ser mulher" e o que é "ser homem". Essa estrutura porta também fantasias que são comuns e ao mesmo tempo tabus, gerando um inconsciente social que se reproduz geração após geração e se reflete em todas as áreas da vida humana. Não é possível ignorar o efeito desse inconsciente patriarcal presente nos objetos culturais, e também não se pode ignorar o fato de que o espectador está inserido nesse mesmo inconsciente. Dessa maneira, o *male gaze* se tornou um importante conceito da teoria feminista, sendo ele articulado para tratar de todas as formas de arte e comunicação, ainda que, em seu ensaio, Mulvey fale especificamente do cinema industrial.

Dentro da pornografia audiovisual para internet, os títulos são extremamente descritivos, como uma espécie de sinopse dos vídeos. Eles geralmente informam o nome da atriz, se for uma *porn star*, caso contrário, eles mencionam suas características físicas, a perspectiva da câmera e o principal ato sexual que ocorre entre os atores. Isso acontece, pois, diferente do cinema e de outras produções de entretenimento, a pornografia não guarda mistério sobre o conteúdo do vídeo.

No vídeo que aqui analisamos, o título pode ser traduzido para "Pequena aluna asiática é pega fazendo bagunça - pornô adolescente". Podemos observar que esse título comunica a narrativa do vídeo, contendo informações sobre a etnia asiática e a idade estudantil da personagem, mais uma vez, deixando claro que é um pornô adolescente.

O vídeo conta a história de uma garotinha asiática que brinca com bolhas de sabão na sala de uma casa quando chega um homem aparentemente mais velho, dando uma bronca na garota. Para reparar o erro, a garotinha diz que vai recompensá-lo e o homem pede que ela tire seu *short* e sua calcinha. Em seguida, começa o ato sexual e a garota sempre parece feliz em fazê-lo.



Figura 2. Imagem de capa do vídeo “*Tiny asian schoolgirl gets caught messing around - teen porn*”

Fonte: xvideos.com

Por ser gratuito, o vídeo não é completo, tem apenas 4 minutos e 5 segundos, terminando no meio do ato sexual. Ele é interpretado pela atriz de 21 anos, Lulu Chu. Ao entrar no canal da atriz, é possível notar que ela está em uma grande quantidade de vídeos que têm a infantilização da mulher como principal atrativo, mas também participa de vídeos com a aparência que condiz com sua idade. Essa diferença em sua aparência é interessante, porque podemos notar a força do figurino e cenografia nas produções. O ator, que não tem seu nome mencionado em nenhuma descrição ou etiqueta do vídeo, se chama Sean Lawless. Ele tem 32 anos e está desde 2012 na indústria pornográfica. Apesar de já ter estrelado vários filmes, sua presença não parece ser um atrativo para o canal, pois o foco é sempre na atriz.

A imagem de capa (*Fig.2*) é o *frame* onde a atriz mais aparenta ser uma criança, a foto é focada no rosto dela com uma expressão triste. Já do ator, aparece somente seu queixo, seu ombro e sua mão apontando para atriz, dando uma bronca.

No filme, a personagem leva o mesmo nome da atriz, Lulu. Ela usa um penteado que no Brasil chamamos de "maria-chiquinha". A atriz é magra, pequena, está com maquiagem *blush* que deixa as bochechas rosadas, sem pelos, usa uma blusa lilás, sem estampa, amarrada na altura do umbigo, um *short* curto na cor rosa bebê, está descalça e, na sua mão, ela tem um brinquedo de bolha de sabão. Já o ator, aparece por 5 segundos de toalha branca, depois passa o vídeo nu, tem pêlo no peito, mas a região pubiana depilada, é careca e aparenta ser mais velho que a atriz.

O vídeo é feito na sala de uma casa, com paredes brancas, um enorme sofá marrom e uma cozinha americana, onde pode-se ver uma geladeira, mesa de jantar e outros móveis. Apesar do ambiente não ter nenhum elemento que contribua diretamente para a infantilização da personagem, o diálogo dos atores deixa a impressão de que ambos moram na casa. Esse detalhe é importante, porque contribui para que o personagem masculino tenha uma presença paterna na narrativa.

Contendo 13 planos, o vídeo se inicia com a câmera filmando somente a garota brincando com a bolha de sabão. Essa filmagem é feita em plano médio, com a câmera em movimento acompanhando a brincadeira da personagem e as bolhas de sabão. Corta a cena, em plano detalhe, a personagem está deitada no sofá, em movimento, filma-se a barriga dela, as bolhas de sabão no ar e depois o seu rosto, ainda deitada, assoprando o brinquedo para formar as bolhas. De repente, o enquadramento muda, em plano médio, mostrando o personagem masculino saindo da porta do seu quarto. O plano muda para *close* no rosto dele, indignado com a atitude da personagem, novamente retorna para o plano médio, onde o ator joga a toalha no chão, ficando nu, e caminha até a personagem, que levanta do sofá. Em plano aberto, o personagem pula em cima do sofá e caminha até Lulu, que leva uma bronca e pede desculpas. Na cena em que Lulu leva bronca, em *plongée* (ângulo diagonal de cima para baixo), filma-se a expressão triste da personagem, além do queixo, ombros e mão do personagem apontando o dedo para ela. Essa cena, em especial o ângulo utilizado, acentua a submissão de Lulu e a autoridade do personagem masculino sobre ela. Em plano aberto, o personagem ordena que ela tire sua calcinha e a pega no colo, levando até a parede da cozinha, onde começa as preliminares. A câmera alterna entre plano aberto e médio durante as cenas de sexo e só permanece em plano fechado quando Lulu faz o *blowjob*⁶ no personagem. O vídeo acaba (é cortado) durante a cena de *blowjob*, no plano fechado.

O único diálogo do vídeo é do personagem brigando com Lulu por brincar na casa, ela pedindo desculpas e dizendo que vai recompensá-lo e ele responde com a ordem para que ela tire a calcinha. Após essa ação, os áudios são apenas gemidos de prazer, onde ambos estão gostando do que estão vivenciando. O vídeo não tem nenhuma música ambiente ou sons em segundo plano, apenas o barulho de movimentação dos atores e o pequeno diálogo entre os personagens.

Retornando ao Termo de Serviços do site *xvideos*, onde se define a palavra *teen* como jovens adultas de 18 a 20 anos, podemos ter certeza de que essa palavra define apenas a idade das atrizes, pois as personagens dos vídeos são escolhidas e produzidas para aparentarem ser menores. O canal *Free Teen Porn* trata a personagem como uma adolescente no título do vídeo, mas suas vestimentas, penteado, brincadeira e expressões não condizem com a definição de adolescente do site, a personagem se apresenta como uma criança.

O roteiro é o principal contribuinte para essa infantilização da personagem, sendo um elemento tão importante quanto o figurino e a escolha da atriz. As atitudes do personagem, aparecendo como uma figura paterna, que manda e cuida da casa, deixa explícito que ela é uma

⁶ Termo em inglês para se referir ao sexo oral.

menina sob seu domínio e responsabilidade. O diálogo que acontece entre os dois, onde o homem culpa a menina por um motivo fútil e só aceita as desculpas se ela recompensá-lo sexualmente, representa a narrativa de punição que vemos não só em filmes pornográficos, mas também no cotidiano. Em casos de abuso sexual, é comum o criminoso colocar a culpa na vítima, dizendo que ela o provocou e por consequência foi punida.

O vídeo se descola de uma narrativa de abuso sexual infantil somente quando a personagem demonstra estar feliz em ter que recompensá-lo sexualmente, o que parece ser uma parte do roteiro que veio do imaginário de quem o escreveu. Após a menina tomar uma bronca do homem mais velho, ela automaticamente começa a agir como uma adulta experiente, que já se relacionou sexualmente outras vezes. Porém, todas as ações são desencadeadas pelo personagem masculino, a menina tem o protagonismo da ação somente na cena do *blowjob*.

Através dessa análise é possível retomar às ideias de *male gaze* propostas por Laura Mulvey, enxergando no roteiro as violências do patriarcado, como: a narrativa de punição; semelhanças com abuso sexual infantil; e o fato da personagem ter uma única cena de protagonismo na ação, sendo ela ajoelhada, oferecendo prazer ao homem.

Atualmente, o vídeo tem 27.072.730 visualizações. Entre esses visualizadores, 56.100 votaram entre “gostei” e “não gostei”, sendo 32.600, a maioria, em “gostei” e 23.500 em “não gostei”. No total, o vídeo tem 93 comentários de usuários de todo o mundo. Suas etiquetas são: *porn; teen; petite; small; teenie; asian; american; freeporn; chinese; tiny; japanese; asianporn; teenporn; usa; brown-eyes; big-cock; small-tits; teen-porn; freeteenporn*. O vídeo está disponível para download, o que facilita sua distribuição para outras redes sociais.

Comparando o resultado dos votos dos espectadores entre “gostei” e “não gostei”, podemos ver que a maioria aprova o vídeo, mas que o número de rejeição é muito alto. Nos comentários também é possível ver a rejeição dos usuários do site, mas também elogios ao vídeo. Os comentários se dividem em discussões sobre o vídeo ser uma apologia à pedofilia; pessoas que alegam que não tem importância já que a atriz é maior de idade; e pessoas que reforçam a ideia de infantilização da mulher ao comentar sobre a atriz ser “fofa”.

Entre todos os comentários pode-se perceber que a alusão à pedofilia por meio da infantilização da atriz é notada pelos usuários. Contudo, as opiniões divergem entre a ideia de liberdade para exercitar o fetiche da sexualização infantil e a acusações de apologia à pedofilia. Tais comentários reforçam, mais uma vez, a ideia de que, embora sejam práticas distintas, a infantilização da mulher e a erotização infantil estão relacionadas.

Considerações finais

Este estudo nos permite observar que dentro da indústria pornográfica o patriarcalismo está de mãos dadas com o capitalismo. O desinteresse da indústria pela discussão sobre vídeos com temáticas misóginas e pedófilas, ressalta o caráter capitalista desse mercado, pois se há lucro e legalidade, não há motivos para deixar de produzir esses conteúdos. Além disso, os canais de distribuição pornográfica, como o *xvideos.com*, se apoiam em uma regulamentação genérica, com mecanismos de monitoramento pouco funcionais que permitem que os usuários publiquem vídeos problemáticos (vídeos sem autorização de imagem e pornografia infantil), lucrando com cada visualização desses vídeos e os retirando somente após denúncias.

Também pudemos observar as estratégias que os vídeos inseridos na tag "*teen*" usam para chamar atenção do público, como por exemplo a utilização das palavras "*school girl*", "*teen*", "*tiny*" e etc, o incesto, cenários coloridos, figurinos infantis, penteados como "*maria chiquinha*", uso de pouca maquiagem, brinquedos e atores que aparentam ser muito mais velhos do que as atrizes.

No que se diz respeito ao *male gaze* de Laura Mulvey, observamos a predominância do corpo feminino de maneira integral como objeto de escopofilia do personagem masculino e do espectador, e presença do pênis (falo) masculino como objeto representativo da dominação da cena e como centro da ação, e a recorrência dos ângulos em *plongée* (de cima para baixo) para enquadramento das personagens femininas, acentuando tanto o aspecto infantil como a ideia de submissão em relação ao personagem masculino.

Relacionamos a infantilização da mulher e a erotização infantil por meio do roteiro do vídeo analisado, que contém a infantilização da atriz e a presença paterna do personagem masculino como principais características. Essas características sugerem uma ligação com as notícias de casos de abuso sexual infantil, que, em sua maior parte, acontecem dentro da casa das crianças, e são crimes cometidos por parentes próximos.

Sabendo que o *xvideos.com* recebe bilhões de acessos anualmente, e os vídeos contendo a infantilização da mulher recebem milhões de visualizações, podemos questionar quais os reflexos desse consumo na sociedade. A pornografia seria uma fonte de reforço da infantilização da mulher através da perpetuação da ideia de corpo jovem, sem flacidez, com depilação absoluta e comportamento submisso, afetando os padrões de beleza e comportamento da mulher adulta. E também é uma fonte de perpetuação de comportamentos misóginos, com a produção de vídeos contendo violência, simulação de estupro e apologia à pedofilia e incesto.

Por fim, destaca-se a importância do estudo da pornografia, para que possamos desenvolver meios educacionais que garantam ao espectador um olhar crítico para o tipo de filme que está sendo consumido, e até mesmo uma pornografia que não seja nociva a mulheres e crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrick Scipilliti Bahia de. **Otimização de Websites para Mecanismos de busca na internet: Uma Contribuição do Ergodesign**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=10375@1>

AUMONT, Jacques; Marie, Michel (1999), **L'Analyse des Films**. Nathan, 2a Ed., [original, 1988].

BARSS, Patchen. **The Erotic Engine: How Pornography Has Powered Mass Communication, from Gutenberg to Google**. Anchor Canadá, 2011, p. 2-5.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980 [1949].

BRASIL. Lei nº 11.829, de 25 de novembro de 2008. Altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, para aprimorar o combate à produção, venda e distribuição de pornografia infantil, bem como criminalizar a aquisição e a posse de tal material e outras condutas relacionadas à pedofilia na internet. **Diário Oficial da União**, Brasília, 26 nov. 2008.

BUTLER, Judith. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. New York: Routledge, 1997.

DINES, Gail. **Pornland: How Pornography Has Hijacked Our Sexuality**. Beacon Press, 2010.

DWORKIN, Andrea. **Pornography and Male Supremacy**. 1981. Disponível em: <http://www.nostatusquo.com/ACLU/dworkin/WarZoneChaptIVH.html>

HARFORD, Tim. **Como a pornografia impulsionou avanços tecnológicos**. BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48526409>

MCBRIDE, Andrew. **The Sex Wars, 1970s to 1980s**. 2008. Disponível em: <https://outhistory.org/exhibits/show/lesbians-20th-century/sex-wars>

MULVEY, Laura. **Prazer visual e cinema narrativo**. In: A experiência do cinema. XAVIER, Ismail (org). Rio de Janeiro: Edições Graal/Embrafilme, 1983.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009.

PRESTES, Madrugá Liliâne & FELIPE, Jane. **Entre smartphones e tablets: pedofilia, pedofilização e erotização infantil na internet**. Pesquisa em foco, São Luís, vol. 20, n.2, p.4-20. 2015.

VAYONE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 5 ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2008:1994.